

Uma viagem a Bruxelas para conhecer os centros de decisão da União Europeia

RICARDO GRAÇA/JORNAL DE LEIRIA



Uma viagem a Bruxelas para conhecer a decisão da União Europeia

JOSÉ FURTADO / RECONQUISTA



Nos corredores alcatifados dos edifícios das instituições comunitárias, nos gabinetes dos eurocratas, nas inúmeras salas de reuniões, nos anfiteatros e auditórios, a crise, o desemprego, a precariedade e a pobreza, sobretudo a dos gregos e portugueses, são realidades longínquas.

*A “máquina” eurocrata continua a trabalhar e não se sabe se de forma autista, indiferente a uma catástrofe que pode estar ao dobrar da esquina, ou se realmente preocupada e em busca das melhores soluções para a Europa e para os europeus. Para todos os europeus! Esta é reflexão do jornalista ao terceiro dia de uma visita a Bruxelas quando, ao cair da tarde, se observa desde a rua as milhares de gabinetes enviaçados dos edifícios das instituições comunitárias no centro da cidade. Quais são as preocupações e prioridades desta gente? **Gazeta das Caldas** viajou a convite da Comissão Europeia, integrada numa comitiva de 19 meios de comunicação social regionais de todo o país, incluindo Açores e Madeira.*

UM ACORDO DE COMÉRCIO COM OS ESTADOS UNIDOS PODERÁ SALVAR A EUROPA?

“O aumento do crescimento sustentável e do emprego constitui uma prioridade fundamental para a UE”. Esta frase é subscrita pelos chefes de Estado ou de governo dos 27 países da União Europeia - entre eles um português chamado Pedro Passos Coelho - e faz parte das conclusões do Conselho Europeu, um órgão que estabelece as grandes linhas de rumo para a Europa. Para impulsionar o aumento de riqueza e o emprego, há um assunto que por estes dias tem marcado a agenda em Bruxelas - a proposta de criação de uma Zona de Comércio Livre com o Estados Unidos. Uma mercado comum (só para mercadorias e não para capitais nem para mão-de-obra) entre os países europeus e o gigante do outro lado do Atlântico de maneira a formarem um grande bloco que resista bem à concorrência da China e dos países emergentes (Índia, Brasil, Rússia). Mais do que aflorada, esta ideia está a ser amplamente discutida e foi posto em marcha um mecanismo de negociações entre os Estados Unidos e as instâncias comunitárias europeias para levar este pro-

jecto a bom termo. O Conselho Europeu estima que “uma agenda comercial ambiciosa poderá gerar, a médio prazo, um aumento global do crescimento da ordem dos 2% e a criação de 2 milhões de empregos”. Dois milhões de empregos na Europa davam jeito, de facto. Margarida Marques, da Direcção Geral de Comunicação da Comissão Europeia, chama a atenção para a importância deste último Conselho Europeu, que se realizou a 7 e 8 de Fevereiro. Lamenta que os media só se tivessem debruçado sobre os resultados financeiros da reunião (a discussão do orçamento) tendo praticamente ignorado os outros dois pontos daquela reunião magna: a dimensão do Comércio e a sua capacidade de gerar empregos e as relações externas da UE, em particular com as novas democracias do Norte de África e do Médio Oriente, para as quais a Europa tem canalizado ajuda económica e política. Embora possa parecer pouco importante para os portugueses, a braços com problemas mais prementes, as relações entre a Europa e estes países são importantes para evitar que estes vizinhos mediterrânicos descambem em novas ditaduras dominadas por fanáticos islâmicos. Isto não quer dizer que a Comissão não esteja preocupada com a crise dentro das suas fronteiras e que não tente combater o desemprego. “A discrepância entre as indústrias e os serviços não é só

um problema de Portugal, mas sim europeu. A reindustrialização está na ordem do dia”, diz Margarida Marques. Daí a justificada importância que os media dão ao orçamento comunitário pois, no caso de Portugal, 3,5% do seu PIB dependem dos fundos estruturais.

DECISÕES NECESSARIAMENTE LENTAS

A reunião com os jornalistas da imprensa regional portuguesa decorre num dos “aquários” (salas enviaçadas) do Berlaymont, o célebre edifício triangular, símbolo da Europa, sede da Comissão Europeia. É aqui que trabalham os 27 comissários europeus, presididos por Durão Barroso, e aqui estão instaladas as 27 direcções gerais da Comissão, autênticos ministérios do “governo” da Europa. O ambiente neste e noutros edifícios é efervescente. Há um corrúpio permanente de pessoas, há grupos de visitantes, funcionários apressados, reuniões a decorrer. E depois há uma Babel de línguas pois os funcionários provêm de 27 países onde se falam 23 línguas. O predomínio, porém, é para o francês, o inglês e o alemão. Nos corredores e nos refeitórios também se ouve com frequência o italiano, o espa-

cer os centros de

nhol, o português e línguas eslavas. Mas do que não resta dúvidas é do predomínio do inglês sobre o francês. A Europa começou por ser francófona, mas o inglês tem vindo a ganhar terreno.

Neste mosaico de países grandes e pequenos o processo de decisão é um mecanismo complexo, mas necessário para garantir os três pilares em que assenta – Democracia, representatividade e participação. Isto é: a Alemanha e o Reino Unido podem ser maiores do que o Luxemburgo ou Malta, mas todos os estados membros são-no de pleno direito. Há, por isso, que respeitar os países que têm mais população, mas sem deixar que os mais pequenos deixem de ter representatividade.

Durante muitos anos dizia-se, aliás, que os pequenos países eram o cimento da coesão europeia porque era graças a eles que os grandes eram obrigados a entender-se. Hoje as coisas são diferentes e a Alemanha não tem pejo em demonstrar que esse paradigma foi alterado e em demonstrar o seu poder.

Seja como for, o processo de decisão não deixa de ser democrático. Basicamente, a Comissão propõe e o Parlamento Europeu e o Conselho da União Europeia co-decidem, depois de consultados outros órgãos. É por isso que as decisões aqui tomadas demoram muito tempo. Há que estabelecer consensos, acordos, melhorar as propostas, ouvir os parlamentos nacionais, o Comité Económico Social, o Comité das Regiões, discuti-las no Parlamento Europeu e no Conselho. Tudo isto com documentos traduzidos em várias línguas e com inúmeras horas de reuniões.

Só depois de se partir muita pedra, muitos meses ou até anos depois, as propostas da Comissão são transformadas em directivas comunitárias ou regulamentos para serem seguidas pelos estados membros.

É O DESEMPREGO UMA PRIORIDADE OU UMA REALIDADE LONGÍNQUA?

Mais uma reunião com quadros da Comissão Europeia. Um *power point* vai desfilando em frente dos jornalistas enquanto um técnico fala sobre a “preocupante” situação do desemprego ao nível da UE e do “grande desafio” que representa combater esta situação.

“Estou cá há 18 anos e nunca vi uma situação tão dramática”, diz um chefe de unidade, português. Esta referência à nacionalidade não é politicamente correcta na praxis comunitária. Enquanto no Parlamento e no Conselho assume-se que cada país pode e deve “puxar a brasa à sua sardinha”, na Comissão deve vestir-se a camisola da Europa e considerar-se que se é supra-nacional e que se está ali a defender os interesses europeus e não os nacionais.

É por isso que nas conversas entre si, os comissários europeus e os próprios funcionários não dizem “no meu país”, mas sim “no país cuja realidade melhor conheço”.

Ridículo? Talvez. Mas é necessário levar a sério o papel independente e supranacional da Comissão.

Voltando ao desemprego. Portugal ocupa um “belo” terceiro lugar com 16,5% de taxa de desemprego, logo a seguir à Grécia (26,8%) e à Espanha (26,1%). Por analogia com o ciclismo pode dizer-se que há dois fugitivos (Grécia e Espanha) e que Portugal vai à cabeça do pelotão. A média do desemprego na UE é de 10,7%, mas há países abaixo dos 6%, como é o caso da Holanda, Luxemburgo, Alemanha e a Áustria (este último só tem 4,3%).

O que é novo nisto tudo é precisamente a grande disparidade entre os países. Uma bomba-relógio que pode levar a rupturas sociais e a corroer a coesão da própria UE.

Estarão os eurocratas cientes disto? Ou o terrível quotidiano de milhares de desempregados gregos, espanhóis, portugueses passa-lhes ao lado como realidades distantes, da mesma forma que assistimos à fome na Somália ou à guerra no Mali.

Discutir-se-á na UE que o desemprego é (também) fruto da própria política neoliberal decididas nas próprias instâncias comunitárias?

Um novo orador. Desta vez o tema é “O FEDER e a Política de Coesão”. As sessões sucedem-se e há quem acuse algum cansaço, até porque a noite (da véspera) em Bruxelas é irresistível para quem a visita ocasionalmente e possui alguns atractivos.

Felizmente, nos corredores do Berlaymont tudo está preparado para proporcionar o máximo conforto a quem lá trabalha e a quem o visita. Não falta café (de má qualidade para os exigentes padrões portugueses nesta matéria) e bolinhos. As salas são confortáveis, a iluminação e a acústica perfeitas, os equipamentos sem falhas.

Há países que são contributos líquidos, isto é, que dão mais dinheiro à Europa do que aquilo que dela recebem directamente. E outros, como Portugal, que recebem mais do que contribuem. É o mesmo princípio que faz com que num país os mais ricos paguem mais impostos e os pobres não descontem (há excepções segundo alguns governos...). Contudo os países mais ricos sempre recebem a compensação nas importações dos seus produtos, feitas pelos povos dos restantes países.

É graças a isto que se procura uma maior coesão entre os países e se combatem as assimetrias regionais. Mas em tempos de crise, em vez de haver mais solidariedade e um orçamento comunitário que procure relançar a indústria, a inovação tecnológica, a criação de riqueza e de empregos, os líderes europeus (e nacionais nos seus países) olham para o umbigo. Resultado: em 2013 o orçamento financeiro da União Europeia, em vez de estar associado a um projecto ambicioso de crescimento económico, consegue ser inferior ao de 2012.

Apesar de tudo Portugal vai receber 27,8 mil milhões de euros de fundos comunitários, um valor que ainda não é definitivo porque resultou de uma proposta do Conselho Europeu e ainda se encontra em análise pelo Parlamento Europeu.

É este bolo Portugal deverá procurar aplicar de forma criteriosa para que este se multiplique na economia nacional.

A este propósito o jornalista registou de um alto responsável da Comissão a seguinte frase: **“a nossa perspectiva é que auto-estradas e estradas não. De todo”**.

E esta: **“o projecto da linha de mercadorias em bitola europeia são apenas declarações do governo português, mas que não têm o acordo da Comissão Europeia porque nunca nos foram apresentadas”**.

Parece, pois, que em matéria das transeuropeias o governo anda um bocado desorientado...

Mas há também declarações que satisfazem o ego luso: **“a Administração Pública portuguesa é particularmente boa quando comparada com a de outros países europeus, em particular a Administração Pública que gere os fundos comunitários. E há países pouco óbvios com problemas na eficácia da sua Administração Pública”**.

Quem diria que a Alemanha e o Reino Unido têm burocracias por vezes tão ineficazes como as da Bulgária ou da Roménia...?

MEXILHÕES, CERVEJA E CHOCOLATE

Há um bar em Bruxelas que faz parte de uma espécie de roteiro iniciático que os veteranos gostam de mostrar aos estrepantes. Chama-se Le Cerueille (O Sarcófago) e é tão tenebroso e tétrico como o próprio nome indica. Numa primeira vez não deixa de ter piada beber cerveja em mesas que são caixões, rodeado de uma decoração de capela mortuária, num ambiente escuro e a ouvir uma música que não prima por ser alegre. Repetir a experiência, só mesmo para ver a reacção de quem – a medo – ali entra pela primeira vez.

A noite bruxelense é mais animada. Incontornáveis são os restaurantes onde se comem mexilhões fritos. São centenas deles nas ruas adjacente à Grand Place, o centro histórico da cidade. Também aqui se ouvem inúmeras línguas e, apesar do frio (2 a 3 graus negativos nesta altura do ano), há gente nas esplanadas aquecidas.

Do roteiro da noite para visitantes faz parte uma passagem pela brasserie La Morte Subite, que foi frequentada por Jacques Brel e é obrigatório o bar Delirium onde se podem provar mais de 2400 marcas de cerveja.

As lojas em redor da Grand Place estão abertas até tarde e é possível escolher uma panóplia de *souvenirs*. Destacam-se, no entanto, as requintadas lojas de chocolate, matéria na qual os belgas não gostam de ficar atrás dos suíços.

Carlos Cipriano

cc@gazetacaldas.com



“A UE tem andado atrás da crise em vez de se antecipar”

Uma bombarralense na Comissão Europeia

Margarida Marques, da Direcção Geral de Comunicação, é uma veterana na Comissão Europeia, à qual pertence desde 1994, embora já antes tenha estado ligada às instituições comunitárias, com idas permanentes a Bruxelas, quando era funcionária superior do Ministério da Educação.

Nascida no Cintrão (Bombarral) em 1959, Margarida Marques estudou nas Caldas da Rainha no Externato Ramalho Ortigão entre 1969 e 1971, de onde partiu para Lisboa a fim de cursar Matemática.

O 25 de Abril apanha-a no terceiro ano da licenciatura e vive intensamente o PREC (Período Revolucionário em Curso).

“Há muita gente da minha geração que não acabou o curso porque andou a fazer a revolução. Eu fiz as duas coisas ao mesmo tempo e acabei a licenciatura”, conta.

No ano lectivo de 1974/75 está a dar aulas no Liceu Padre António Vieira, num período conturbado em que os inimigos são então o PCP e o MRP. Alguns dos seus dirigentes dessa época viriam mais tarde a aderir ao partido - o PS - que ela abraçou. No início dos anos oitenta é dirigente nacional e secretária geral da JS. Entre 1983 e 1985 é deputado pelo PS na Assembleia da República. Nessa altura está a trabalhar no Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério dos Transportes, mas quando saía do emprego ia trabalhar para o seu partido.

O planeamento acompanha-a, mesmo quando, em 1985, muda para o Ministério da Educação. E é neste ministério que integra projectos europeus relacionados com o ensino profissional que a levarão, dez anos depois, aos 38 anos, a entrar para a Comissão Europeia, num concurso público no qual fica em primeiro lugar *ex aequo* com um inglês. Muda-se então para Bruxelas, mas entre 2000 e 2011 regressa a Portugal onde chega a Chefe da Representação da Comissão Europeia em Lisboa.

De novo em Bruxelas, está hoje no topo da carreira e ocupa grande parte do seu tempo a dar conferências.

Muitos dos fins-de-semana são passados em Portugal e de vez em quando visita o Bombarral, para cuja Câmara já mais de uma vez foi convidada a candidatar-se. E não só pelo seu partido, o PS. **“Uma das vezes fui convidada em conjunto pelo PS e o PSD”**, conta. Mas o trabalho autárquico não está nos seus horizontes, nem mesmo depois de se reformar.

E qual a sua visão sobre a sua terra?

“O Bombarral sofre de um problema que é estar entalado entre Torres Vedras e Óbidos/Caldas. Nunca se conseguiu impor por si próprio e foi abafado por Óbidos e Caldas da Rainha. Nunca teve uma liderança autárquica forte, nunca houve capacidade para atrair investimento, nem mesmo tirando partido da rivalidade entre Caldas e Óbidos. É também a prova de que uma auto-estrada [A8], só por si, não cria desenvolvimento”.

Ao nível europeu, quem está no epicentro das instituições comunitárias tem também uma visão sobre a crise. Margarida Marques acha que em Bruxelas tem havido uma grande preocupação em encontrar saídas para a e em criar uma economia europeia que resista bem a esta crise e evite outras crises futuras. E recorda que não é só Portugal, Espanha e Grécia que estão com problemas pois Chipre, a Itália e a Holanda também estão em recessão.

Mas não será que tem havido falta de liderança ao nível europeu?

A uma responsável da Comissão não se pode exigir respostas desalinadas do politicamente correcto. E Margarida Marques respondeu assim: **“Não tem havido falta de liderança. Tem é havido alguma lentidão em encontrar consensos dentro de um tempo certo. A UE tem andado atrás da crise em vez de se antecipar”**.

C.C.



RICARDO GRAÇA / JORNAL DE LEIRIA



RICARDO GRAÇA / JORNAL DE LEIRIA



Parlamento Europeu – a casa dos cidadãos dos 27 estados m

Os jornalistas estão sentados numa enorme mesa redonda numa sala junto aos estúdios do Parlamento. Plumley é um anglo-belga-francês, como gosta de se designar. Nasceu na Bélgica, mas os seus progenitores são de origem portuguesa. É um filho da Europa. Fala seis línguas, uma delas o português porque os seus avós emigraram para o Brasil no fim do século passado, acompanhando a recolha de música popular ao lado de Michel Giacometti. Ele dá poder falar português com um grupo de jornalistas lusos em visita à instituição que representa a Comunicação do Parlamento Europeu e outra coisa que não disfarça é a cumplicidade e empatia com os eurodeputados que sucessivamente apresenta ao grupo visitante – Ana Gomes, Rui Tavares e Carlos

“Os partidos do poder são os principais capturados pelo crime económico”, Ana Gomes

Ana Gomes (PS) é conhecida por não ter papas na língua. Afinal é isso que se espera de um deputado, ou melhor, de um eurodeputado, porque os do parlamento português, esses já sabemos que são, grosso modo, meninos do coro acrílicos que obedecem à disciplina de voto. Pelos vistos, no grande hemisfério europeu tal coisa não existe e aceitam-se sentidos de voto diferentes dentro da mesma família política (as famílias políticas albergam os deputados dos 27 países de acordo com a sua proximidade ideológica).

Atenda-se, então, a estas pérolas de Ana Gomes: “o que é a economia de casino senão a criminalidade organizada?”, “é na City de Londres que estão as mafias que capturam os políticos”, “era preciso ir atrás do dinheiro do BPN, mas parece que não há vontade para isso”, “Ricardo Salgado [presidente do BES] só paga 7,5% de impostos, o que é uma afronta”, “não tenho dúvidas que dentro da minha família política [grupo socialista] há pessoas capturadas pelas mafias”.

Isto a propósito do trabalho que esta eurodeputada tem feito nas subcomissões dos Direitos do Homem e para a Segurança e Defesa e nos combates que tem travado contra o crime económico.

A eurodeputada é também uma entusiasta do acordo de comércio livre com o Estados Unidos e entende que deve ser feito em



ANA MORAIS / JORNAL A CABRA

“Era preciso ir atrás do dinheiro do BPN, mas parece que não há vontade para isso”

menos de dois anos. “Se nos unirmos com os Estados Unidos para estabelecer as regras podemos ter um papel regulador no comércio internacional; senão a China vai continuar a ditar as regras”, diz.

“O paradigma neoliberal na UE é culpa da falta da combatividade da esquerda”, Rui Tavares

ANA MORAIS / JORNAL A CABRA



“A Europa não é uma democracia, mas um lugar de democracias”

Eleito pelo Bloco de Esquerda, com o qual se incompatibilizou, Rui Tavares pertence agora à família política dos Verdes no Parlamento Europeu. Para ele a resolução da crise actual passa por um aprofundamento da democracia nas instituições europeias, das quais apenas o Parlamento é a única que tem cidadãos eleitos. “A Europa não é uma democracia, mas um lugar de democracias”, diz, pelo que só com órgãos democraticamente eleitos, onde as pessoas tenham uma palavra a dizer sobre o seu futuro, é que se poderão encontrar as melhores decisões para resolver os problemas.

Crítica também o funcionamento da Comissão, que não tem elementos eleitos e não é exactamente um governo. “Quem é o executivo na Europa? A Comissão e o Conselho, cada um diz que é o próprio”, prossegue, lamentando que não haja um órgão que se assemelhe a um governo europeu eleito pelos cidadãos.

E quanto às políticas liberais em curso, que são emanadas de Bruxelas para todos os países da UE, Rui Tavares diz que “o paradigma neoliberal é culpa da falta de combatividade da esquerda”. É que, apesar de os valores da UE conterem um ADN neoliberal com o “mercado único”, também é certo que deles fazem parte o “pleno emprego” e a “solidariedade”. São valores da União que têm letra de lei, tal como o mercado único, mas parecem ter ficado esquecidos.



da Democracia

membros

mento Europeu em Bruxelas. Michel
genitores nasceram um em cada
ue por cá andou nos anos setenta e
metti. Não disfarça o prazer que
enta. Michel Plumley é director de
que mostra ter com os três
s Coelho.

“Reduzir o orçamento europeu é afectar negativamente o investimento e o crescimento”, Carlos Coelho

Carlos Coelho (PSD) é um veterano no Parlamento Europeu somando 15 anos como eurodeputado. É conhecido como “senhor Schengen” por ser um verdadeiro especialista nesta matéria, desde que em 1997 passou a haver livre circulação de pessoas na maioria dos países europeus.

O eurodeputado sublinha que o Parlamento é a única instituição eleita pelos cidadãos e que, por esse motivo, tem vindo a ter os seus poderes reforçados. Uma realidade bem distante da dos primórdios da CEE em que era apenas um órgão de consulta e era preenchido por políticos em fim de carreira.

Num discurso nada consentâneo com o do governo do seu partido em Portugal, Carlos Coelho critica a falta de arrojo dos responsáveis pelo orçamento da UE. “Sem dinheiro não há mais Europa. O orçamento comunitário deveria ser reforçado e não reduzido porque isso vai afectar o investimento e o crescimento”, diz.

O eurodeputado falou ainda sobre o mau comportamento e as hesitações do Reino Unido no seio da UE e admitiu que é preferível que este país saia da Europa do que nela permaneça contrariado. “Não vale a pena haver um a travar quando todos os outros querem acelerar. É preferível uma saída negociada agora. O Reino Unido, da Europa só quer o mercado comum e não se interessa por mais nada”, concluiu.

C.C.

ANA MORAIS / JORNAL A CABRA



“É preferível uma saída negociada do Reino Unido agora”



O Parliamentarium

RICARDO GRAÇA / JORNAL DE LEIRIA



RICARDO GRAÇA / JORNAL DE LEIRIA



RICARDO GRAÇA / JORNAL DE LEIRIA



Imagine um centro de visitas que pretende explicar-lhe as consequências práticas das decisões da União Europeia no quotidiano dos cidadãos e como funciona o Parlamento Europeu. Imagine que esse centro tem de estar acessível, de forma muito fácil, em – pasme-se! – 23 línguas.

E agora imagine que esses objectivos são alcançados de uma forma quase perfeita graças a um grandioso de trabalho de criatividade que combina História, Política, Economia e Sociologia através de meios interactivos assentes em tecnologia de ponta, que tornam esta visita ao Parliamentarium num passeio interessantíssimo que combina informação, educação e entretenimento.

Um guia multimédia electrónico ajuda os visitantes a descobrirem o passado, o presente e o futuro do Parlamento Europeu numa visita que faz os adultos sentirem-se como na Eurodisney, só que tratando de temas mais sérios.

O Parliamentarium deverá ser considerado, a par do Atomium, da Grand Place e dos museus, um local de visita obrigatória em Bruxelas. A entrada é gratuita.

Morada

Rue Wiertz/Wiertzstraat 60(B-1047 Bruxelas(Endereço electrónico: parliamentarium@europarl.europa.eu (Telefone / Fax: +3222832222

Como chegar (Metro - estação *Maelbeek* ou estação *Schuman*: linhas 1 e 5; estação *Trône*: linhas 2 e 6(Autocarro - paragem *Schuman*: linhas 12, 21, 36 ou 79 da STIB/MIVB; (linhas 344 e 345 da DE LIJN;(paragem *Luxembourg*: linhas 12, 22, 27, 38 e 54 da STIB/MIVB)

Horário de abertura

Segundas: das 13h00 às 18h00(Terças e Quartas: das 9h00 às 20h00(Quintas e Sextas: das 9h00 às 18h00(Sábados e Domingos: das 10h00 às 17h00(Encerra nos dias 1 de Janeiro, 1 de Maio, 1 de Novembro e 24, 25 e 31 de Dezembro